

Verso e Reverso da Literatura Contemporânea: a questão de sua nomeação

Profª Drª Madalena Aparecida Machado¹ (UNEMAT/PPGEL)

Resumo:

A literatura do tempo presente aqui circunscrita à Pós-modernidade, ganha contornos insuspeitos desde sua nomeação. O que propomos no âmbito deste ensaio é vislumbrar a origem do termo que levou à denominação da estética literária como Pós-modernismo e quais suas repercussões. Tomando como base de discussão a obra de Caio Fernando Abreu e Ricardo Guilherme Dicke, o ensaio se esmera em arredar limites do que se convencionou o centro, a ética e a estética de seus textos.

Palavras-chave: Literatura, Contemporâneo, Pós-modernismo

1 Introdução

A literatura produzida em nosso tempo causa controvérsia desde sua identificação: Hiper Modernismo, Tendências Contemporâneas, Modernismo Tardio e o mais polêmico, Pós-modernismo. Discutido desde a junção de uma produção literária comum, o termo tem, contudo, certas especificidades que nosso trabalho pretende discutir acerca de uma literatura que nos diz respeito de maneira mais aproximada. A forma narrativa de uma maneira geral, tem uma atenção especial no acolher dos diversos gêneros, o drama, o terror, o policial, o erótico, a oralidade junto às formas cultas de expressão, ganham um *status* diferenciado nessa literatura. A dignidade com que as minorias são tratadas, as vozes plurais que se ouvem num romance ou num conto, dão a primazia do que podemos encontrar na prosa que superou as metanarrativas; desconsidera a noção de verdade singular ou um saber absoluto como forma de expressão do homem pós-moderno. Nossa proposta vem justamente apresentar uma visualização destes paradigmas em textos de autores como Caio Fernando Abreu e Ricardo Guilherme Dicke. Afinada aos pressupostos da Pós-modernidade, optamos por um escritor consagrado pelo grande público e crítica bem como outro ainda pouco conhecido mais de uma obra considerável em qualidade estética e pesquisas acadêmicas, porém sem sucesso editorial. Nestes, questões como periferia/marginalidade, ética e estética adquirem vulto verbal incontestáveis marcando rupturas, sem a pretensão de impor em contrapartida, qualquer tipo de valor que se queira incontestado. As narrativas destes escritores tateiam um caminho que por si só gera reflexão, assim, pois, vemos nisto tendências e interfaces de que se constitui a literatura na contemporaneidade. Naquelas narrativas podemos levantar entre outros sentidos, o que é do campo da ética, do estético, observações que acompanhadas da imaginação e ambiguidade, formatam o mecanismo poético e efeito estético examinados pelo pesquisador em Literatura. Sem certeza de nada, o ser humano nesta forma de expressão é cambiante de opiniões, cercado pelo vazio referencial, se projeta para um passo além do que conhece, experimenta, sente, mesmo sabendo que é o desconhecido quem pontilha o caminho. No propósito de preservar a pluralidade contra a lógica arcaizante, a riqueza estética contra a função cotidiana nos empenhamos por saber da condição pós-moderna estampada na narrativa ficcional.

Conscientes da polêmica instaurada pela simples menção do termo “Pós” acrescentado ao Modernismo, devemos esclarecer em que medida adotamos tal denominação para a literatura publicada nesta segunda década do século XXI. Desde o universo teórico que ora investigamos, a compreensão extraída em relação ao tempo presente é o que adotamos neste ensaio enquanto Pós-modernidade; Pós-modernismo é o que chamamos aqui ao conjunto das produções culturais

relativas a um “modo totalmente novo de pensar e estar no mundo” (JAMESON, 2004, p. 81) e Pós-moderno (a) vem a ser a estética literária das obras ficcionais cuja compreensão do mundo e do homem se reserva certas peculiaridades que destacamos ao longo deste ensaio. Ainda faz-se necessário acrescentar que não é uma questão de rigidez temporal que define a literatura enquanto Pós-moderna e sim a dimensão com que incorpora valores, a desestabilidade de sistemas, a possibilidade de questionar quaisquer menções à verdade e “teorizar a partir do local e da prática” (HUTCHEON, 1991, p. 284) bem como, a pluralidade de pontos de vista, dentre os mais pesquisados, que nos autoriza a identificar esta ou aquela obra literária pertencente à Pós-modernidade. Pontuemos então, as considerações de Perry Anderson no livro **As origens da Pós-modernidade** (1999) cujo propósito é situar o leitor na ideia mesma do que se convencionou chamar de Pós-modernidade. Dentre as várias versões de onde o termo se originou, as influências recebidas, o fato é que sua difusão mais ampla só ocorre a partir dos anos 70 do século XX. O dado coletivo, o homem em meio às massas, massacrado por isto, se faz alienado ou provoca uma ruptura com todo tipo de convencionalismo, o que gera uma espécie diferente de acomodação. Muito esclarecedor por parte desse autor, a releitura proposta para o clássico livro **A condição Pós-moderna** (2004) de Jean-François Lyotard para quem o Pós-modernismo, longe de querer estabelecer uma verdade, pretende por outro tanto, criar perspectivas de retorno da vontade. O mundo que perde fronteiras, inviolabilidade de sistemas, enfim, qualquer perspectiva de unidade se manifesta na narrativa tomando-a como uma instância primordial da mente humana. Entendemos com isto que ela se apresenta à Pós-modernidade até como uma maneira de “ajuste” das esferas subjetivas, sem as quais não há equilíbrio psíquico. Daí que o efeito de busca interior expresso na mobilidade incessante atrelada ao pensamento é o identificador mais certo para a estética literária – o Pós-modernismo – de que nos ocupamos. Imbuídos na delimitação do termo, assumindo-o como um campo cultural, chegamos às coordenadas históricas capazes de nos assegurar sua nomeação. É ponto pacífico que a ordem econômica não tem mais os estratos petrificados capazes de assegurar esta ou aquela identidade nacional; é certo ainda que houve um desatrelamento entre o que é privado ou público, assim como não se discute a evolução da tecnologia orientando vidas, ditando o rumo dos acontecimentos. É o que nos permite afirmar com Perry Anderson (1999) sobre o fato do Pós-modernismo ter surgido “da combinação de uma ordem dominante desclassificada, uma tecnologia mediatizada e uma política sem nuances” (p. 108). Dos anos 70 até meados dos anos de 1980 do século XX quando o Pós-modernismo ainda se firmava enquanto estética literária, o que ainda ressentia era um lastro filosófico que o instaurasse de vez na ordem do dia teórico. O que foi plenamente correspondido com os trabalhos de Jean-François Lyotard, Jean Baudrillard e Fredric Jameson bem como às últimas produções de Michel Foucault. Palavras e expressões que o caracterizam tais como: ecletismo, revisitação crítica do passado, diferença, relatividade, ironia, indeterminação e outras do mesmo campo semântico proporcionam dentro da Literatura de nossa época, o conhecimento do sujeito pós-moderno. Este, visto como homem plural, paradoxal, ausente da representação ao que leva o intérprete a se ocupar de quem a produziu ou controla. Eduardo Coutinho no ensaio “Revisitando o Pós-moderno” (2005) é enfático em ponderar que tal estética literária se firma na consciência da ausência de centros, discursos considerados elevados, a multiplicidade das identidades e da descentralização do sujeito da qual surge a produção dos grupos marginalizados. Tensões de ideias, ambiguidade de sentidos tudo isto formata a literatura na Pós-modernidade para a qual a noção de complexidade soa como artífice natural. Alinhavando histórias plurais, a esquizofrenia, a aparente alienação move o “eixo mais receptivo da relação ética e estética com a realidade” (SOUZA, 2005, p. 97). Portanto, nossa compreensão volta-se ao que a lógica não responde visto que a Literatura se torna apta a acolher e/ou valorizar o que não passa pelo crivo do *logos*. É disso que brota o sentimento de estranheza, do diferente num nível estético ou das ideias presente nas narrativas de nosso tempo. O debate sobre o Pós-modernismo em se tratando da atual conjuntura se cerca inúmeras vezes da sensação de mal estar, conforme verificamos desde a titulação de obras bastante difundidas de pesquisadores renomados como Zygmunt Bauman (1998), Ann Kaplan (1993) e Sérgio Paulo Rouanet (1993) estão entre os mais famosos. O que nos leva a

questionar acerca desta sensibilidade acabrunhada oriunda das pesquisas de várias produções literárias de que testemunham a contemporaneidade. A vivência exacerbada de todas as possibilidades humanas, a intensidade dos pontos de vista, por vezes seu relativismo, o deslocamento do sujeito são pontuais no que diz respeito a um projeto estético abalizado com a discussão da existência de um centro ou mais de um. Motivo pelo qual Kaplan (1993) adota a expressão “posições subversivas” para tratar desse sujeito em plena efervescência de si. Dentre a gama de alternativas em que este se vê contrastado, a ética a que se vê exposto e da qual não passa ao largo, vincula o Pós-modernismo ao pressuposto de haver questionamento sob todos os ângulos em que se cogita “a ordem simbólica para permitir sua articulação” (1993, p. 60). Ao perder o sentido de estabilidade, o texto Pós-moderno aposta no desafio de tentar entender algo que ainda se processa, como o próprio homem, matéria imprescindível na construção literária. É deste patamar que movimenta o empreendimento Pós-moderno, a “aceitação do efêmero, fragmentário, descontínuo e o caótico” (HARVEY, 2005, p. 49) sem os quais não existe o Pós-modernismo.

2 Literaturas em perspectiva

Diante do exposto teórico, passamos agora à sua compreensão junto à literatura mencionada desde o início. Em que pese o discurso crítico nela inserido, procuramos dentre outros situar a tomada de posição, de onde se fala que relacionamos às obras narrativas dos escritores Caio Fernando Abreu (1948-1996) e Ricardo Guilherme Dicke (1936-2008). O primeiro, na sua vasta produção contística, adota uma escrita em que expõe fatos e personagens com um narrador que a tudo observa e deixa julgar. É assim com o conto “Aqueles dois” em que Raul e Saul se encontram e trabalham juntos num escritório descrito como “deserto de almas”. Se, naquele ambiente pautado pela rigidez e sobriedade, os olhares estão atentos aos menores gestos e conversas amenas, o mundo do quarto de pensão ou da quitinete é propício para extravasar sentimentos contidos. O gosto por filmes e pinturas é afinado por ambos, mesclado à sensibilidade e ternura sem hipocrisia. Não importa se tal afinidade causa curiosidade chegando ao ponto do ciúme, algum rancor escondido que leva à denúncia de uma suposta relação “amoral”, a que o chefe dos dois colegas se baseia para demití-los. O mais finamente trabalhado pelo narrador é um preenchimento destas almas soltas no mundo, com o mistério nelas contido, de suas origens, o final insabido, estão agora carregados de lembranças rumo ao inusitado dentro do táxi. A narrativa se torna um marco pós-moderno ao centrar suas forças ontológicas na sensibilidade despertada no leitor para aquilo que é diferente, dos valores em cheque, do sentido de pluralidade em destaque em cada pensamento, atitude dos protagonistas. Também no conto “As corujas” o narrador segue a ação de perto sem externar a maturidade adquirida ao observar aquele casal de bichos estranhos, muito dedutivos e provocadores da curiosidade alheia. O narrador mais maduro que os demais, o leitor já percebe isto inclusive pela nomeação dada aos animais em segredo: Cassandra e Rasputin enquanto os outros chamam de: Tutuca e Telecoteco, Ofélia e Hamlet. O jeito de ser das corujas, seu lado introspectivo quando comparado ao narrador, faz conhecer muito da produção literária de Caio Fernando Abreu no que diz respeito ao inquirir o mundo e a si mesmo. Como podemos entrever neste trecho do conto: “Desejei comunicá-las sua próxima libertação, mas a ineficiência de gestos e palavras isolou-me num mutismo para elas incompreensível. Éramos definitivamente incomunicáveis.” (ABREU, 2006, p. 15). Em “Dois ou três almoços, uns silêncios / Fragmentos disso que chamamos de ‘minha vida’” (1986), Caio Abreu mais uma vez investe na compreensão de um desencontro amoroso ou algo que o valha, pois, os olhares se cruzam, o narrador perscruta com o olhar, respira o mesmo ar que a personagem sua enamorada, mas eles não têm nada de concreto. Só conjecturas, fuga do vazio ao mesmo tempo em que mergulha nele, com as lembranças, os cigarros tragados sem parar e as possibilidades daquilo que poderia ter sido e não foi. Sem um toque, sem maior aproximação do que os almoços realizados como se não houvesse outra alternativa para o distanciamento que os colocava ali frente à frente, com as hesitações de um, o querer se proteger de si no outro, fez-se a narrativa daquele fragmento de vida. Ele na sua “natureza aprisionada”, ela com a “infância impossível”, são seres

desencontrados pela existência, uma opaca chance de amor que resta na memória afetiva do narrador, enfim, são os paradoxos insolúveis da Pós-modernidade. Vale ressaltar que não só o enredo, mas a reflexão gerada como um todo por essa literatura, compreendida como Pós-moderna, não se fecha a uma resolução, sequer a um sentido estável. Pelo contrário, a estética literária se abre aos processos significativos, tão plurais quanto os paradoxos da não compreensão dos modos de ser e agir.

Em outra perspectiva, temos a Literatura do mato-grossense Ricardo Guilherme Dicke marcando disjunções entre o modo de pensar do mundo circundante e aquele particular com um personagem que não se habitua ao convencional. Aí estão as dores sentidas, o homem jogado no grande teatro do mundo sem saber qual máscara escolher. Arredios às situações niveladoras, personagens singularizados com a poesia, a música, são contrapostos àqueles só vistos em aglomerações, como acontece no romance **Madona dos Páramos** (2008) ou o bando fugitivo do conto “Toada do Esquecido” (2006). De um lado a posse de bens, o domínio das consciências, de outro, o devotamento ao silêncio, o esmiuçar do imaginário, o pensamento definidor das atitudes incompreensíveis pelos demais. É o diferente pontuando o processo existencial típico do estilo estético Pós-moderno. O se sentir estranho na própria pele é mais comumente encontrado nas produções literárias desse escritor, dado o convívio com as coisas que não passam pelo crivo da razão, pelo menos não aquela dirigida por um *logos* que diz, nomeia, determina e conclui. O ser poético caracteriza de forma mais apropriada essa literatura visto o entremostrear, as situações sem paralelo, a vida no contrassenso dos ditames certos ou errados. O conto “Toada do Esquecido” por exemplo, trata da saga de bandidos após o roubo do ouro rumo à Bolívia passando por Mato Grosso, onde o desfecho dos acontecimentos é narrado. Vários assassinatos são cometidos por parte da líder do bando, a princípio disfarçada de homem, depois já sem o ouro que lhe escapa das mãos, ela também morre ouvindo aquela toada aprendida um pouco antes de sua morte. Tal enredo não daria a dimensão do conto se antes não mencionássemos o primeiro chefe do bando, o Cavaleiro. É ele quem ensina a ouvir aquela canção inebriante, também é o único atento ao silêncio quando este se faz imprescindível e, ainda o que se apaixona por El Diablo apesar desta se mostrar como homem para todos ali ao redor. É esse personagem que nos chama atenção para o resgate da vontade perdida. Assim, queremos destacar a voz do diferente, do homem atento às minúcias que o mundo despreza; fator de irreversibilidade no tempo, é, por outro tanto um jeito diferenciado de lidar com as horas, os horizontes cerrando ou abrindo-se à frente daqueles homens sem retorno. Sozinhos, ampliados pelo esquecimento dos donos do poder, cientes de que infringiram a lei e por isto mesmo se escondem em máscaras de carnaval, se escondem, sobretudo, de saberem quem são, porque ocupam um lugar no mundo.

A Pós-modernidade presente nas narrativas em estudo faz saber da perda da hegemonia nas esferas de poder ou de um pensamento limitador. É como sentimos o poder esvaindo das mãos daquela que não é mais líder nem de si mesma, assim como no romance **Madona dos Páramos**, Urutu não é o chefe dos doze homens rumo à Figueira-Mãe que todos pressentem, mas ninguém alcança. A personagem Moça sem nome é a prisioneira de todos, porém é sua persistência em manter o silêncio que a faz dona dos destinos de todos eles, o que subverte a ideia de quem comanda e quem é comandado. Mais uma vez nos deparamos com a premissa da dissolução do que seja centro, o intercambiar da ética no campo da estética literária.

Outro ponto de contato entre a literatura de Caio Abreu e Ricardo Dicke é a multiplicidade de sujeitos que se contam. Há uma verdadeira necessidade dos homens narrativas se dizerem, não por exibicionismo, mas por conta da compreensão que lhes falta; daí a variação dos pontos de vista tão marcante nas produções ficcionais de nosso tempo. Tomemos por parâmetro o conto “Oásis” do primeiro autor. O título vem do quartel onde o narrador, Luís e Jorge conseguem a confiança de um soldado na intenção de ali entrar todas as tardes para inocentes brincadeiras de crianças. Aos poucos os três conseguem tanta liberdade ali dentro que inventam uma possível pretendente para ele na figura da empregada da casa, Dejanira a quem “embelezaram” com um segundo nome, Valéria.

Tudo ia bem até que um dia entrando no quartel normalmente percebem a confusão e os estranhos no lugar, são surpreendidos e aprisionados num quartinho apertado até à noite quando são levados de volta para casa. Entre gritos e xingamentos, o pai culpando a mãe e vice-versa, todos culpando Dejanira, ela resolve ir embora. Em meio à desolação, o narrador observando tudo é quem descobre o verdadeiro significado da palavra “revolução”, tomado pelo silêncio do quarto onde todos se encontram no final melancólico da narrativa.

No percurso interpretativo deste ensaio referente à nomeação da literatura, voltamos-nos neste momento ao conto “Sinfonia Equestre” em que Ricardo Dicke apresenta a vertente da mulher liderando a vingança da morte do pai devido a disputas por terras. Janis é casada com Jan, mas ambos preservam a virgindade. Janis tem o perfil do que se convencionou ser tipicamente masculino: destemida, impetuosa, determinada na sua vingança inclusive, abandona a riqueza herdada do pai. Enquanto o marido Jan é fraco, medroso, sem ideais a seguir. Janis se faz acompanhar de Belizário, um misto de filósofo, feiticeiro e médico do lugar onde as ações se desenrolam. Com ele aprende muito da vida, da sensibilidade esquecida em meio às lutas com a família do turco Tariq Muzza. Embora não abandone a vingança estabelecida, Janis tenta se “purificar” nas águas da piscina, é capaz de rezar, declamar poesia como admira Belizário fazer. Este se apaixona pela mulher valente mesmo sabendo da impossibilidade do sentimento ser correspondido, apenas espera, observa e reflete com as agruras do tempo, perfazendo uma sinfonia regida pelos cavalos em guerra. Desta trama é possível extrairmos muito da estranheza por não se encaixar nos padrões da normalidade; do casamento mais de ideias com Belizário do que o de corpos com Jan; da “inversão” das posturas masculinas e femininas vista nos protagonistas; da junção psíquica de Jan/Janis, um se juntando ao outro até a fusão final na morte de ambos. Isto posto, já que no momento derradeiro em que Jan montado a cavalo morre debaixo de chuva, experimenta um pouco da impetuosidade da esposa perdida a pouco, enquanto Janis se mostra sensível na cena única do banho purificador em que pede sagração à água mãe.

Dando a conhecer e mesmo provocando a sensibilidade do leitor, a escrita narrativa que acompanhamos faz imergir num universo em que não se pode preocupar com o desfecho dos acontecimentos. A relatividade das opiniões de acordo com as circunstâncias, impulsiona a ação para dentro das mentes personificadas, em destaque porque em construção. É costumeiro encontrar a criança perdendo a inocência para um mundo de frustração, o imaginário ombrear com a razão redutora e, assim, a literatura na Pós-modernidade se torna mais apta a falar de si mesma, pois sem receios ou limites temáticos.

Conclusão

O ponto de vista teórico que adotamos para a literatura Pós-moderna nos permite olhar as representações humanas nas tramas narrativas com a sensação de volatilidade. O sujeito desunificado e descentralizado ganha espaço e não pode ser compreendido enquanto conjunto de discursos e práticas alheios à sua vontade. Muitas vezes tal conhecimento se faz ao reconhecermos o incognoscível tão seu característico, o lado poético extravasado no texto literário. Não havendo mais uma vida exemplar a se mostrar muito menos a narrar, o fim dos extremos, das fronteiras também já soa como jargão numa literatura de início de século. O fato de se mostrar consciente deste fato já faz a literatura Pós-moderna autêntica, legítimo meio de expressão mais condizente com o tempo/homem na própria elaboração.

Escritores brasileiros como Caio Fernando Abreu e Ricardo Guilherme Dicke dão estatura singularizada a uma literatura que não precisa provar nada a ninguém, nem levantar bandeira sob

esta ou aquela insígnia. É certo que a voz do primeiro autor que elegemos neste ensaio se faz mais audível na medida em que seu sucesso editorial é inquestionável, até mesmo por suas produções circularem mais no eixo centro sul do país. Admitimos ainda que o segundo prescinde de um espaço no qual prevaleça os leitores e não somente a crítica especializada das universidades, principalmente do centro oeste onde se multiplicam teses e dissertações sobre sua obra. O que nos moveu na opção por dois autores tão peculiares é a orquestração encontrada nessa ficção com o jeito típico do homem atual viver/ser, na busca por respostas, cheios de dúvidas, alguma ironia, muito senso da realidade social e a inquietação psíquica que observamos em personagens de diferentes obras em ambos os escritores. Como eixo de discussão, para entrever o verso e o reverso da literatura contemporânea, acreditamos que tanto Abreu quanto Dicke sinalizam possibilidades em que não se vislumbre um sentido indiscutível e único. Reconhecem, seja em narradores observadores ou personagens plenos de vontade, o valor das diferenças do modo de pensar, se posicionar na vida, inclusive acatando as contradições numa produção de sentidos que é perene, é por isso mesmo pós-moderna.

Referências Bibliográficas

- 1] ADORNO, Theodor W. “Posição do narrador no romance contemporâneo”. In: **Notas de Literatura I**. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2006
- 2] ABREU, Caio Fernando. **Melhores contos**. Seleção e prefácio Marcelo Secron Bessa. - São Paulo : Global, 2006. - (Coleção melhores contos)
- 3] _____. “Dois ou três almoços, uns silêncios / Fragmentos disso que chamamos de ‘minha vida’”. In: Caio F. **Escritos de solidão urbana**. Disponível em: <http://www.letraslivros.com.br> - Letras e Livros. Acesso em: 12/07/2011
- 4] ANDERSON, Perry. **As origens da Pós-modernidade**. Tradução de Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999
- 5] BAUDRILLARD, Jean. **A troca impossível**. Tradução de Cristina Lacerda e Teresa Dias Carneiro da Cunha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002
- 6] BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1999
- 7] _____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução de Mauro Gama e Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1998
- 8] COUTINHO, Eduardo F. “Revisitando o Pós-moderno”; SOUZA, Ricardo Timn de. “A Filosofia e o Pós-moderno: Algumas questões e sentidos fundamentais”. In: GUINSBURG, J. e BARBOSA, Ana Mae. (orgs.). **O pós-modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 2005
- 9] DICKE, Ricardo Guilherme. **Madona dos páramos**. Cuiabá: Carlini & Caniato; Cathedral Publicações, 2008
- 10] _____. **Toada do esquecido & Sinfonia eqüestre**. Cuiabá: Carlini & Caniato; Cathedral Publicações, 2006
- 11] HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2005
- 12] HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-modernismo: História, Teoria e Ficção**. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991
- 13] JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo – A logica cultural do capitalismo tardio**. Tradução de Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 2004

- 14] KAPLAN, E. Ann. (Org.) **O mal-estar no Pós-modernismo**. Teorias, praticas. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1993
- 15] LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Tradução de Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri, São Paulo: Manole, 2005
- 16] LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Tradução de Ricardo Correa Barbosa. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2004
- 17] ROUANET, Sergio Paulo. **Mal-estar na modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

iAutora

Madalena Aparecida MACHADO, Prof^a Pós-Doutora
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)
PPGEL/Mestrado em Estudos Literários e Departamento de Letras
E-mail: madaglae@yahoo.com.br